

Inclusão Digital de Mulheres no IFNMG *Campus* Montes Claros: Um Relato de Experiência

Keline M. Balieiro¹, Luana B. Cosme², Alana M. da Silva¹,
Amanda C. M. Cangussu^{1,3}, Luciana B. Cosme¹

¹Instituto Federal do Norte de Minas Gerais *Campus* Montes Claros

²Instituto Federal do Norte de Minas Gerais *Campus* Salinas

³Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontífica Universidade
Católica de Minas Gerais

balieirokeline0@gmail.com, luanabalieiro@gmail.com

{alana.mendes, amanda.moreira, luciana.balieiro}@ifnmg.edu.br

Abstract. *The “Women Digital Inclusion” project aimed to encourage a group of women to know computer and internet tools, and thus promoting digital literacy for them. It has also produced means to promote the autonomy of students through workshops taught by a multidisciplinary team. For better learning of the course participants, a methodology using Facebook and email was employed to stimulate the practice and more interaction between them. The course has enabled the students to think about possibilities of rupture with their condition of exclusion with actions employed by the project team, and they experienced situations in which they managed to achieve digital literacy and empower themselves.*

Resumo. *O Projeto “Inclusão Digital de Mulheres” objetivou incentivar um grupo de mulheres a conhecer as ferramentas do computador e da Internet, promovendo o letramento digital das mesmas. Em certa escala, produziu também meios para estimular a autonomia das cursistas, através de oficinas ministradas por uma equipe multidisciplinar para fortalecer e promover a cidadania. Para melhor aprendizado das cursistas foi empregado como uma metodologia o uso das ferramentas Facebook e e-mail para permitir a prática do conteúdo e para que houvesse maior interação entre elas. O curso proporcionou as alunas, a partir de ações empregadas pela equipe do projeto, situações e aprendizados em que elas conseguissem o letramento digital, mas também que conquistassem o empoderar de si mesmas, refletindo possibilidades de ruptura com a condição de exclusão.*

1. Introdução

Este artigo apresenta e discute o resultado do projeto de extensão *Inclusão Digital de Mulheres* realizado pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) *Campus* Montes Claros. Esse projeto teve como objetivo principal oferecer qualificação na área de informática em nível básico para as mulheres da comunidade no entorno do câmpus e para

as mulheres parentes dos alunos e alunas da instituição. Além do conteúdo programático em informática, o curso também promoveu um conhecimento sobre outras questões, tais como leis, saúde e autoestima.

O projeto levou em consideração o fato da informática estar inserida, cada vez mais, nas atividades cotidianas e profissionais e a exigência é cada vez maior que as pessoas saibam utilizar efetivamente o computador e demais recursos, para que possam almejar a inserção na nova realidade.

Cursos na modalidade de Formação Inicial e Continuada (FIC) para a inclusão digital sempre foram ofertados pela instituição, tendo em vista a demanda apresentada de qualificação para o mercado de trabalho de jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social. No entanto, a equipe que desenvolveu os cursos anteriores observou o interesse maior do público feminino pelos cursos dessa modalidade. Em média 70% eram mulheres. Diante da análise positiva da avaliação dos cursos pelos alunos e alunas e demais envolvidos e considerando o perfil predominante feminino das vagas preenchidas, optou-se em ampliar a iniciativa para além do aprendizado das ferramentas do computador e da Internet. Essa iniciativa teve um caráter inclusivo, pois viabilizou não somente o acesso aos recursos tecnológicos bem como uma formação mais ampla das mulheres inseridas no projeto, dentro da perspectiva de intervenção através de oficinas em dinâmicas de grupo.

Vale dizer, e não menos importante, que a escolha do público também foi motivada pelo fato de que, mesmo com todos avanços que as mulheres conquistaram no mundo do trabalho, as assimetrias ainda permanecem, principalmente entre oportunidades e ganhos salariais de homens e mulheres em cargos idênticos. As desigualdades sociais no Brasil aparecem em alguns níveis da sociedade, para melhor identificá-las pode-se fazer um recorte social (gênero, geração, religião, condição socioeconômica, nacionalidade, dentre outros). Dentre esses grupos, todos sofrem algum tipo de marginalização, sendo que são privados de parte dos direitos básicos de cidadania devido ao fato de se encontrarem nesses determinados “estratos” da sociedade. Uma das desigualdade mais evidente, por se tratar de uma minoria social que tem como componentes a maior parte da população, é a de gênero.

Assim, o projeto buscou conscientizar as mulheres que a qualificação em áreas como informática podem possibilitar a elas um diferencial para se inserirem ou se recolocarem no mercado de trabalho. O curso, nesse sentido, apresenta-se como uma perspectiva de empoderamento feminino, onde as cursistas seriam melhor qualificadas para o mercado de trabalho, além de favorecer o desenvolvimento da autoestima das mesmas e levar conhecimento referente à saúde feminina e direitos, através de oficinas periódicas previstas no desenvolvimento do curso.

Este projeto também foi interessante quando se analisou a questão de gênero dentro dos cursos na área de computação, onde há baixa procura e evasão por parte das mulheres. O projeto, ao escolher preferencialmente alunas para serem bolsistas, proporcionou às discentes uma reflexão sobre sua própria condição. Alguns estudos recentes de autores como Margolis e Fisher (2003) mostram como articular estratégias para que seja possível a permanência das alunas nos cursos de graduação nas áreas tecnológicas. Outra iniciativa que converge nesse sentido é da instituição de ensino Harvey Mudd College

[Zomorodi 2014] nos Estados Unidos que por meio de ações pontuais conseguiram tornar as disciplinas e cursos dessa área mais acessíveis às mulheres. Esses estudos que ainda estão sendo desenvolvidos e aprimorados representam as estratégias e posturas políticas adotadas por algumas instituições educacionais dos Estados Unidos, mostrando que é possível também realizar políticas inclusivas no Brasil, respeitando a especificidade do contexto local.

2. Referencial Teórico

2.1. Inclusão, letramento digital e empoderamento

O surgimento das novas tecnologias de comunicação tem mudado, cada vez mais, a vida das pessoas. As atividades diárias, de trabalho ou até mesmo conversas informais são mediadas por aparelhos eletrônicos. Nas sociedades que prevalecem a escrita e a leitura, a primeira necessidade é a alfabetização e letramento das pessoas. Entretanto, atualmente, com a difusão dos meios eletrônicos, também se tornou uma necessidade ser letrado digitalmente. Segundo Soares (2002), o letramento digital seria “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela”, argumenta a autora: “diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” ([Soares 2002] p. 151). Corroborando com a essa ideia, Xavier (2011) diz que o letramento digital é “o domínio pelo indivíduo de funções e ações necessárias à utilização eficiente e rápida de equipamentos dotados de tecnologia digital, tais como computadores pessoais, telefones celulares, caixas-eletrônicos de banco” ([Xavier 2011], p. 6) e afins. E acrescenta: “o letrado digital exige do sujeito modos específicos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais” ([Xavier 2011], p. 6).

Os vários tipos de letramentos são construídos conjuntamente, devido as necessidades do mercado de trabalho, da vida social, da comunicação, etc. Entretanto, muitas pessoas, principalmente as que não puderam ter acesso a aparelhos eletrônicos e/ou a Internet, não compartilharam do letramento digital, compartilharam do letramento digital, o que explica o fato de muitos sujeitos encontrarem em situação de exclusão de alguns segmentos específicos da sociedade.

No campo da inclusão social, segundo Araújo (2007) os afro-descendentes e as mulheres são exemplos de grupos que, historicamente, foram alvo de discriminações e preconceitos que acabaram por negar-lhes muitos dos direitos que asseguram a igualdade de condições e de oportunidades para a construção de uma vida digna [Araújo 2007] .

Partindo dessa constatação, entende-se que o empoderamento de mulheres a partir do letramento digital é uma ação de inclusão social. Portanto, faz-se necessário entender o conceito de empoderamento. Este termo consiste em um neologismo criado a partir da tradução do termo em inglês *empowerment*. Entendemos que a expressão “empoderamento das mulheres” compreende um recurso formulado pelos movimentos feministas para identificar suas lutas contra as desigualdades e discriminações de gênero, ou seja, para as mulheres afirmarem-se e serem reconhecidas como sujeitos de direitos, como cidadãs ([Pimenta 2010], p. 7).

Para que haja empoderamento é necessário que se tenha políticas tanto no setor privado como público e que se concentrem nos elementos-chave, essenciais para a promoção de igualdade de gênero no ambiente de trabalho, no mercado e na comunidade.

2.2. Facebook e e-mail

Com objetivo de incentivar a prática no cotidiano das alunas, foi utilizado como método de ensino a utilização das mídias sociais, especificamente *Facebook*, e do *e-mail*.

O uso do *Facebook* se justifica por ser uma rede social que alcançou a marca atual de mais de 945 milhões [TechTudo 2014] de pessoas que usam em todo o mundo. Esse site oferece várias funcionalidades que promovem a interação entre seus usuários, como *chat*, *blog*, *feed*, *timeline*, entre outras. É possível também a criação de grupos de interesse que podem aglutinar pessoas que tenham objetivos em comum, trazendo algumas das funcionalidades do *Facebook* para funcionar particularmente para um determinado grupo [Aquino and Brito 2012]. Por ser uma rede de pessoas conectadas amplamente difundida, inclusive no Brasil, o fato de não possuir conta por falta de conhecimento em Informática, pode reforçar o processo de exclusão de certos grupos com relação ao mundo digital.

Alguns trabalhos encontrados na literatura tem estudado o uso desses tipos de mídia na Educação. Em [Aquino and Brito 2012] os autores observam que apesar da ferramenta *Facebook* não ter sido feita com o objetivo de permear o aprendizado, essa rede social, que tem virado febre por todo o mundo e tem se inserido cada vez mais no dia a dia das pessoas que começam a usá-la, pode ser direcionada a se tornar uma facilitadora de aprendizado eficaz.

Já no artigo apresentado por Campos (2012) é proposto a alfabetização digital por meio de ferramentas na nuvem, e também apropria-se da utilização na *Internet* e do *e-mail* para permitir exercitar a capacidade de uso dos diferentes tipos de conteúdos multimídia, para ir além, contextualizar, analisar e classificar essas informações, pois este argumenta que em muitos projetos de inclusão digital, a forma mecânica como as pessoas aprendem a trabalhar, não levam a que as pessoas utilizem o computador e seus softwares de forma efetiva.

Outra abordagem interessante pode ser encontrada em Barcelos (2011), onde os autores propõem o uso de uma rede social na internet no âmbito da preparação de professores iniciantes de Matemática para uso pedagógico das tecnologias digitais na sala de aula.

Já em Ventura (2011) relata a experiência e as percepções dos discentes no uso do bate-papo como complemento às interações presenciais, e observa que o bate-papo pode ser uma ferramenta adequada se planejada de acordo com o perfil dos alunos.

Outro trabalho que envolve o letramento digital é apresentado por Caregnato et al. (2011) que propõe o uso da *Internet*, redes sociais e *e-mail* para inclusão digital específica. No artigo mostra também o grande interesse dos alunos pelo curso e, em especial, no uso da *Internet*.

Apesar de ser um tema bem explorado recentemente, é possível perceber pela literatura pesquisada que há muito o que ser feito. Inclusive, como destaca a própria Sociedade Brasileira de Computação (SBC), no documento Grandes Desafios da Pesquisa em Computação no Brasil - 2006-2016. Um dos itens desse documento é “o acesso participativo e universal do cidadão brasileiro ao conhecimento”, que apesar das redes de computadores permitir a comunicação e o compartilhamento dos mais diversos recursos, “tal disponibilidade, no entanto, não é sinônimo de facilidade de uso e de acesso univer-

sal” [Sociedade Brasileira de Computação 2006].

Assim, com essa iniciativa esperou-se oportunizar uma alternativa de inserção de uma parcela da sociedade excluída em era de informação e do conhecimento, e para superação de barreiras tecnológicas que dificultam o alcance deste objetivo.

2.3. Oficinas

Considerando a importância de se trabalhar de forma a proporcionar uma formação mais ampla às mulheres inseridas no projeto, foram desenvolvidas, durante do curso de Informática Básica, atividades dentro da perspectiva de intervenção através de oficinas em dinâmicas de grupo.

De acordo com Afonso (2000), “a Oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo propõe a elaborar, em um contexto social”. Para a autora, a elaboração que se busca em uma oficina não está restrita apenas à reflexão, mas uma reflexão que se integre ao pensar, ao sentir culminando na ação. Este tipo de experiência possibilita a estimulação da interiorização e leva ao autoconhecimento das pessoas envolvidas.

A oficina é útil tanto nas áreas da saúde e educação quanto no contexto das ações comunitárias e abarca um processo de elaboração de experiências que envolvem emoções e revivências [Afonso 2000].

3. Metodologia

Este artigo configura-se em um relato a partir das experiências de uma equipe multidisciplinar composta pelas discentes bolsistas e por uma professora, do curso de Ciência da Computação, por uma assistente social, uma psicóloga e por uma especialista em gênero, todas reunidas com o objetivo de ampliar as perspectivas de inserção das cursistas.

O projeto começou a ser realizado no início de julho de 2013 e finalizado em novembro de 2013. O curso contou com um laboratório de computadores modernos e um projetor multimídia. Para a realização desse projeto, o grupo de pesquisadoras e bolsistas optou pela estruturação de um curso básico que visasse promover o empoderamento de mulheres, tanto no mercado de trabalho quanto na vida pessoal. A realização desse curso foi pautada em estratégias de ensino-aprendizagem que conseguiram promover aulas e oficinas mais dinâmicas e que valorizassem as alunas. Devido às dificuldades iniciais apresentadas pelas cursistas, uma das estratégias usadas, foi o uso do *e-mail* e do *Facebook* em todo início de aula para incentivá-las a usar o computador e para despertar um maior interesse em aprender o conteúdo programático.

Durante o curso, além das aulas de Informática, foram desenvolvidas atividades em oficinas que visam ampliar os conhecimentos as mulheres inscritas a respeito de diversos assuntos, que por muitas vezes são pouco difundidos entre elas. A seguir, são apresentadas brevemente as oficinas desenvolvidas:

- “Pra quem você tira o chapéu”: Tirar o chapéu é uma dinâmica de grupo que tem como objetivo estimular a autoestima dos participantes. Nesta dinâmica, você precisa ter um espelho colado no fundo de um chapéu. Durante a dinâmica a animadora escolhe uma pessoa e pergunta se ela tira o chapéu para a pessoa que está vendo e porquê, sem dizer o nome da pessoa. A animadora deve fingir que trocou a foto dentro do chapéu antes de o entregar para a próxima pessoa.

- “Lei Maria da Penha: O que mudou?”: Essa oficina buscou mostrar as cursistas as possíveis providências legais que elas podem tomar se forem vítima ou se presenciarem outrem em uma situação característica de violência de gênero.
- “Saúde da Mulher”: Nessa oficina foram discutidos aspectos importante sobre os cuidados com a saúde e foi falado especialmente sobre câncer de mama e útero. Também foi disponibilizado às cursistas a oportunidade de agendamento do exame de prevenção ao câncer de mama gratuitamente.

Com relação à carga horária, o curso contou com 50 horas, dentre essas 40 versaram sobre os conhecimentos técnicos de Informática Básica, permitindo assim, que essas mulheres adquiram a técnica na área e isso pode constituir em um diferencial para que as mesmas se sintam capacitadas para entrar no mercado de trabalho. Com relação ao conteúdo técnico foram abordados conhecimentos básicos sobre Informática (10 horas), pacote de escritório com Editor de Texto, Planilha Eletrônica e Apresentador de Slides (20 horas) e Internet (10 horas). Todas as alunas também tiveram acesso ao laboratório de Informática com as instrutoras em um pré-horário, para que pudessem tirar as dúvidas das aulas anteriores e praticar o que foi aprendido.

Todas as alunas receberam um kit didático com apostila, lápis, borracha, caneta e bloco de anotações dentro de uma pasta. Essa ação é importante especialmente porque o público selecionado para o curso originava, na sua maioria, do entorno da Instituição, e que em geral vive um contexto de exclusão e vulnerabilidade/risco social vivido pelos moradores da região. Rodrigues et al. (2011) revelam um pouco sobre a realidade social do território em que o câmpus Montes Claros está inserido através do Relatório Pesquisa intitulado *Pobreza, Vulnerabilidade e Risco Social: Uma análise territorializada para o Município de Montes Claros-MG*.

Localizado no Bairro Village do Lago II, o Território do JK/Village do Lago compreende 14 bairros: Clarice Ataíde, Jaraguá I e II, Jardim Primavera, JK, Nova América, Novo Horizonte, Planalto I e II, Raul Lourenço, São Lucas, Universitário, Village do Lago I e II. O pólo possui cerca de 25 mil moradores e conforme a Prefeitura municipal de Montes Claros (2010) a maioria a população é carente e sua maioria necessita de benefícios sociais para sobreviver. [Rodrigues et al. 2011](p.66)

Antes do início do curso houve a aplicação de um formulário para avaliar e fazer observações sobre o perfil das participantes do curso. Para coletar os dados, levou em consideração questões como trabalho remunerado, participação em programa social do governo, tamanho da família, e qual profissão gostaria de ter, além dos dados cadastrais, tais como onde nasceu e onde mora e a idade. Esses dados subsidiaram a análise apresentada na próxima seção.

Também foi aplicado um formulário para avaliar a equipe e as atividades do projeto. Nesse formulário, elas puderam avaliar os conteúdos, especialmente o material didático disponibilizado, instalações físicas, interação do grupo, avaliação pessoal. Com relação a equipe foram avaliadas as estratégias abordadas, tais como a capacidade de repasse dos conteúdos, paciência e clareza nas explicações, dentre outros. Houve também um espaço para que elas discorressem livremente sobre os pontos fortes, e fracos do curso, além de sugestões. Nas questões fechadas, a escala utilizada variava de Ótimo, Bom e Regular, conforme Figura 1.



Figura 1. Uma das formas de avaliar as questões do formulário

4. Resultados e discussão

Ao final da realização do *Projeto Inclusão Digital das Mulheres no IFNMG Campus Montes Claros* já se pode perceber que houve o letramento digital das cursistas, em que cada uma se tornou competente para se apropriar de um certo número de tecnologias e elas também conseguiram devolver capacidade de manejar essas mesmas tecnologias dentro da necessidade de cada uma.

Pode-se citar o caso de uma determinada cursista que precisava aprender a manejar a ferramenta de escrita em um editor de texto para que pudesse realizar trabalhos de digitação e impressão no seu estabelecimento comercial. O curso promoveu esse aprendizado a essa cursista que, agora, pode oferecer serviços de digitação e impressão e, nisso, melhorar sua renda advinda do seu comércio. O empoderamento dessa cursista é um exemplo relatado posteriormente ao final do curso.

De forma geral, houve 35 inscrições, e o curso iniciou-se com 24 cursistas, dentre elas, mulheres da comunidade e mulheres parentes de alunos e alunas regularmente matriculados no Instituto. Ao final, formaram 16 mulheres, tendo em seu currículo o curso de Informática Básica (50 horas).

Foi possível notar, enquanto avaliação e discussão, a partir do preenchimento das fichas de inscrição, os seguintes dados:

- A maioria das cursistas, cerca de 93%, moram no entorno da instituição;
- Menos da metade das alunas nasceram na cidade de oferta do curso;
- Cerca de 90% das alunas cursaram o Ensino Médio;
- Em torno de 60% são casadas;
- Apenas 5 alunas já possuíam e-mail antes de entrar no curso;
- Cerca da metade não quis fornecer sua profissão, e;
- A maioria das alunas se concentra acima dos 40 anos.

Ao perceber a desistência de alguma aluna, a equipe tentou estabelecer contato para investigar os motivos da evasão e incentivá-las a retornar. Em geral, ocorreram desistências especialmente pela dificuldade de frequentar todas as aulas devido aos compromissos familiares, tais como cuidar dos filhos. Outras alunas relataram não conseguirem conciliar o curso com o trabalho, ou não estavam se sentindo com condições de acompanhar às aulas. Para essas alunas, foi criado um pré-horário para que pudessem tirar as dúvidas e praticar. No entanto, mesmo com a intervenção da equipe, não foi possível que todas concluíssem. As alunas desistentes serão convidadas novamente para a nova oferta que ocorrerá em 2014.

Com relação ao uso do *Facebook*, os dados podem ser verificados na Tabela 1.

Tabela 1: O uso do Facebook		
	Quantidade/Total	Percentual
Quantidade de alunas que usaram durante o curso	12 / 16	75 %
Quantidade de alunas que usaram após o curso	9 / 16	56,25%

Para efeito de construção da tabela anterior, levou em consideração aquelas alunas que utilizaram a ferramenta até Fevereiro de 2014, três meses após a conclusão do curso. A tabela mostra que, apesar de todas as alunas terem sido incentivadas em aula a usar a ferramenta, 75% a utilizaram efetivamente durante as aulas. Após o término do curso, do total de alunas concluintes, 56% aproximadamente mantiveram o uso. Se considerarmos a quantidade de alunas que usou de fato a ferramenta nas aulas, houve uma desistência de apenas 25% no uso da ferramenta.

Todas as alunas que chegaram ao final do curso foram avaliadas por meio de uma prova aplicada ao final do curso e conseguiram rendimento satisfatório. A cerimônia de entrega dos certificados de conclusão foi realizada no auditorio principal da instituição com o protocolo utilizado pelos cursos de maior duração. Muitas concluintes relataram nunca terem participado de um evento dessa natureza, como atores principais.

O questionário de avaliação do curso foi respondido online para que elas tivessem mais um momento para a prática. Com o resultado a equipe conseguiu coletar algumas informações importantes, tais como:

- Todas as alunas responderam que a Internet estava nas suas atividades preferidas no curso;
- Apenas uma aluna respondeu que não se sentia capaz para aplicar os conhecimentos adquiridos durante o curso;
- Em torno de 65% das alunas consideraram o curso como Excelente ou Muito Bom;
- 57% responderam utilizar o *e-mail* e *Facebook* pelo menos uma vez por semana em casa ou no trabalho;
- 93% responderam ler notícias pela Internet.

No formulário também foi disponibilizado um item de texto livre para que elas relatassem qual a importância deste curso para cada uma. Houve respostas muito interessantes, como alguns casos listados a seguir:

- “Muito grande [a importância], pois, chegou no momento em que eu estava muito precisando distrair a minha cabeça foi a minha grande oportunidade para aprender e recordar o que havia esquecido.”;
- “Antes sentia vergonha de sentar em frente o computador e chamar alguém toda hora para me ajudar, a gente se sente inútil diante da capacidade dos outros, hoje me sinto realizada.”;
- “Com certeza foi muito importante, pois hoje tenho meu email.”;
- “Esse curso mudou completamente a minha vida. Porque foi através dessa oportunidade que tive um conhecimento melhor em informática [...]”.

Pelos relatos acima, é possível perceber que cada uma teve uma perspectiva diferente do seu aprendizado e empoderamento.

Com relação a equipe, as alunas avaliaram bem, de modo geral, tanto as instrutoras do conteúdo específico, quanto as da organização das oficinas.

5. Considerações Finais

Assim como a evasão escolar do ensino regular ocorre devido à dificuldade em relação ao letramento (ler e escrever de forma compreensível nas normas da língua materna), o letramento digital (compreensão adequada das ferramentas digitais) também suscita reflexão devido ao grau de dificuldade em aprender. Para isso, a equipe multidisciplinar que realizou o projeto atentou para que as dificuldades fossem minimizadas e que as alunas permanecessem no curso, entretanto houve um número considerável de desistência, mesmo que se tenha prestado apoio às mulheres que evadiram.

Uma outra dificuldade enfrentada pelas mulheres e que as fazem desistir é a constante afirmação do discurso por parte da sociedade que mulheres não são capazes de entender informática (assim como é dito para as ciências, matemática e tudo considerado racional), e isso implica em “efeitos sociais que vão além do fracasso escolar” ([Knijnik 2007], p.37), sendo que a exclusão social é uma desses efeitos, o mais imediato. Nesse sentido, o empoderamento traz uma possibilidade, ou para além disso, uma necessidade. Portanto para a próxima turma, em 2014, as alunas desistentes terão nova chance de fazer o curso se elas assim o desejarem, a vaga será disponibilizada a elas para que se sintam confortáveis em mais uma vez tentar o letramento digital e com isso, incluir-se na sociedade atual, ao menos no âmbito do domínio das ferramentas básicas de informática.

No que refere aos dados coletados, as ferramentas *e-mail* e *Facebook* foram uma forma de incentivar o letramento digital, em que, através de redes sociais conseguiram vencer obstáculos e superar os desafios em aprender informática. O público-alvo por ser composto por mulheres adultas, pode-se notar que a interação proporcionada pelas redes sociais fortaleceu o laço entre elas e foi um espaço virtual em que elas puderam expressar experiências vividas e transmitir saberes que não conseguiam mostrar em sala de aula. O desafio em entrar para “o mundo digital” fez com que muitas persistissem até o final, almejando o conhecimento para que se sentissem parte da sociedade em que vivem. Ainda como um resultado, as cursistas utilizam as redes sociais com alguma frequência, mostrando que elas colocam em prática o que aprenderam em sala de aula, não deixando esquecer.

O curso proporcionou às alunas, a partir de ações efetivas de agentes externos (equipe do projeto), situações e aprendizados em que elas conseguissem empoderar a si mesmas, refletindo possibilidades de ruptura com a situação de exclusão.

Referências

- Afonso, L. (2000). *Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial*. Edições do Campo Social.
- Aquino, A. and Brito, A. (2012). Estudo da viabilidade do uso do facebook para educação. *XX Workshop sobre Educação em Computação. Anais do Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira Computação*.
- Araújo, U. F. (2007). *Introdução*. In: *Programa Ética e Cidadania : construindo valores na escola e na sociedade - relações étnico-raciais e de gênero.*, volume 4. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.

- Knijnik, G. (2007). *Cultura, currículo e matemática oral na Educação de jovens e adultos do campo*. In: *Múltiplos olhares: matemática e produção de conhecimento*. Musa Editora.
- Pimenta, F. F. (2010). *Políticas feministas e os feminismos na política : o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985-2005)*. PhD thesis, Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília.
- Rodrigues, L., Balsa, C. M. M., Gonçalves, M. E., and Teixeira, G. E. (2011). Pobreza, vulnerabilidade e risco social: Uma análise territorializada para o município de montes claros-mg. *Relatorio de Pesquisa. Montes Claros, Universidade Estadual de Montes Claros*.
- Soares, M. (2002). Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, 22(81):143–160.
- Sociedade Brasileira de Computação (2006). Grandes desafios da pesquisa em computação no brasil 2006-2016. Disponível em: http://www.sbc.org.br/index.php?option=com_jdownloads&Itemid=195&task=viewcategory&catid=50. Acessado em 09 de Junho.
- TechTudo (2014). Facebook faz dez anos; veja números e vídeo dos seus melhores momentos. Disponível em: www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/02/facebook-faz-dez-anos-veja-numeros-e-video-dos-seus-melhores-momentos.html. Acessado em 09 de Junho.
- Xavier, A. C. S. (2011). Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da geração y. *Calidoscópio (UNISINOS)*, 9:1–16.
- Zomorodi, M. (2014). How one college went from 10% female computer-science majors to 40%. 2014. Disponível em: <http://qz.com/192071/how-one-college-went-from-10-female-computer-science-majors-to-40/#/h/56695,2>. Acessado em 09 de Junho.